

O USO DO TERMO *DISCURSO* EM LUGAR DE FALA DE DJAMILA RIBEIRO

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo/SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção: Feminismos Plurais).

Cesar Augusto de Oliveira Casella*

Sabe-se, por teoria e/ou por prática, que uma resenha típica deve “apresentar informações selecionadas e resumidas sobre o conteúdo de outro texto” e também apresentar “comentários e avaliações” (MACHADO et al., 2009, p. 15) sobre este outro texto. Aqui, a pretensão é seguir – o tanto quanto possível e levando em conta que os gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 12) – o modelo típico de uma resenha, mas é preciso assinalar, entretanto, que o enfoque da parte avaliativa é tecer comentários teóricos e específicos sobre o uso da noção de discurso em Lugar de Fala (RIBEIRO, 2019).

Metodologicamente, a leitura analítica aqui realizada se baseia nos postulados da análise do discurso para o tratamento dos enunciados. Destaque-se, neste sentido, a busca por seguir três pressupostos expostos por Eni Orlandi (2008, p. 19): “a. não há sentido sem interpretação; b. a interpretação está presente em dois níveis: o de quem fala e o de quem analisa, e c. a finalidade do analista do discurso não é interpretar mas compreender como um texto funciona”. Deste modo, a abordagem discursiva procura compreender como um texto produz sentidos e pretende “mostrar os mecanismos dos processos de significação que presidem a textualização da discursividade” (ORLANDI, 2008, p. 23).

De início, é importante não confundir *Lugar de Fala*, de 2019, com *O que é Lugar de Fala?*, da mesma autora, este publicado em 2017. Ambos livros têm o mesmo conteúdo, a mesma estrutura e o mesmíssimo texto – poderiam ser vistos, talvez, como gêmeos xifópagos – mas, editorialmente falando, não são a mesma obra.

Na apresentação de *Lugar de Fala* (2019), que é, também, uma apresentação da coleção *Feminismos Plurais*, consigna-se que o propósito, do livro e da coleção, “não é impor uma epistemologia da verdade, mas contribuir para o debate e mostrar diferentes perspectivas” (RIBEIRO, 2019, p. 14) sobre o assunto do qual se trata. Uma bem-vinda abertura para os comentários e a avaliação específicas desta resenha, os quais buscam contribuir com o debate a partir da perspectiva de uma abordagem discursiva.

O primeiro capítulo, intitulado *Um pouco de história*, tem por meta preparar a posterior discussão e explanação acerca do conceito de “lugar de fala”. Nele, Djamila Ribeiro (2019) trata dos percursos de lutas, das trajetórias intelectuais e das reflexões de mulheres negras, como Sojourner Truth, Giovana Xavier, Lélia Gonzalez, bell hooks, e de Linda Alcoff. O ponto central destacado é o de enfrentar a universalização da categoria “mulher” emanada de uma epistemologia masculina, cis, heteronormativa e branca, e “entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo, além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades” (RIBEIRO, 2019, p. 31).

*Professor na Universidade Estadual de Goiás (UEG/Cora Coralina). Doutorando em Estudos da Literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGL/UERJ).

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0058-8935>

E-mail: cesar.casella@gmail.com



O segundo capítulo se intitula *Mulher negra: o outro do outro*. Nele, Djamila Ribeiro (2019) traz a noção de “outro” de Simone de Beauvoir e a de “outro do outro” de Grada Kilomba para traçar a situação social da mulher negra. Apresenta-se, ainda, o conceito de “outsider within” de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2020), tido como importante na compreensão de “lugar de fala” e definido como “posição social ou espaços de fronteira ocupados por grupos com poder desigual” (RIBEIRO, 2019, p. 45).

O terceiro capítulo, *O que é lugar de fala?*, volta-se para o conceito fundamental do livro. Citando uma certa imprecisão na origem do termo, Djamila Ribeiro (2019) crê que ele deriva “da tradição de discussão sobre *feminist standpoint*” e sobre “diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial” (2019, p. 57). Um conceito moldado, portanto, dentro da perspectiva dos movimentos sociais e dos debates identitários.

O ato de falar é equiparado à própria existência e se entende que o lugar que se ocupa socialmente traz experiências distintas e perspectivas de mundo diferentes, o que faria do “lugar de fala” a refutação da “historiografia tradicional e [d]a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2019, p. 64), assim como o faria a refutação da “visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora de poder” (RIBEIRO, 2019, p. 69).

Em *Todo mundo tem lugar de fala*, último capítulo, Djamila Ribeiro (2019) separa o “lugar de fala” da representatividade (2019, p. 82), pois ocupar um lugar de fala não significa necessariamente se tornar o representante de um lugar social ou de uma identidade cultural. Além disto, a autora afirma que o conceito não “visa restringir a troca de ideias, encerrar uma discussão ou impor uma visão” (RIBEIRO, 2019, p. 83). Entretanto, expõe-se a funcionalidade do conceito justamente como a da interrupção dos regimes discursivos de autoridade oriundo das vozes hegemônicas brancas, masculinas, cis e heteronormativas, rompendo “com o silêncio instituído para quem foi subalternizado” (RIBEIRO, 2019, p. 89).

Disposta – resumidamente – a estrutura composicional e a temática do livro são hora de tecer os comentários. No terceiro capítulo, a autora Djamila Ribeiro (2019) escreve que “é preciso esclarecer que quando utilizarmos a palavra discurso no decorrer do livro e falamos da importância de se interromper o regime de autorização discursiva, estamos nos referindo à noção foucaultiana de discurso” (2019, p. 54-55).

A primeira palavra “discurso” da citação acima está sob uma nota, a 33, que remete a um conhecido trecho de *A Ordem do Discurso* (2014).

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2014, p. 8-9).

Após conjurar Foucault (2014) e a ordem do discurso, Djamila Ribeiro (2019) explicita que entende o discurso foucaultiano não como um “[...] amontoado de palavras ou concatenação de frases que pretendem um significado em si, mas como um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois estaremos falando de poder e controle” (2019, p. 55). Dito isto, é possível enumerar alguns pontos para comentários de certo viés discursivo: 1. A definição de discurso é tomada a um trecho sobre a produção do discurso; 2. A relação imediata da noção de discurso a uma interrupção do regime de autorização discursiva; 3. A diferenciação entre discurso e sistema linguístico.

Quanto ao terceiro ponto, Maingueneau ((1998, p. 43) define tecnicamente discurso – sem embargo de outras definições – como “um certo modo de apreensão da linguagem”, sem que ele seja considerado “uma estrutura arbitrária, mas como a atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados”. (Grifos do original). Nesta acepção ampla, o discurso é funcional pois permite uma apreensão da língua em sua articulação com o histórico e o social, afastada dos postulados saussurianos.

Esta compreensão abre uma série de oposições, consignadas por Maingueneau (1998) no seu verbete e mencionadas aqui sem maiores explicações para adequação ao formato da resenha: O discurso não é língua, não é fala, não é texto e não é narrativa. Neste sentido o postulado de Djamila Ribeiro (2019) está em consonância com o escopo da área específica, sem que esta seja exatamente uma posição de Foucault.

É preciso lembrar, talvez, que o discurso, ainda que não possa ser resumido a nenhuma destas instâncias da linguagem, tem com elas variadas relações e tensões. O discurso não é um amontoado de palavras e nem é simples concatenação de frases, mas ele é materializado em palavras, em frases e em textos, sem o que não há acesso aos variados posicionamentos ideológicos existentes em uma dada sociedade.

No caso do primeiro ponto, cabe lembrar uma outra passagem de Foucault sobre o discurso, em que ele o define como:

Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (1986, p. 136 apud MAINGUENEAU, 2008, p. 16).

O que leva a compreensão do discurso para a de “uma dispersão de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (MAINGUENEAU, 2008, p. 15). Uma compreensão que impacta o segundo ponto enumerado acima, evitando que se infleta a noção foucaultiana de discurso, transformando-a em outra coisa. Para tratar deste ponto, opta-se por uma citação longa, mas elucidativa. Na análise arqueológica do saber, Foucault (1991, p. 216) explica que

No se trata de descubrir lo que podría legitimar una aserción, sino de liberar las condiciones de emergencia de los enunciados, la ley de su coexistencia con otros, la forma específica de su modo de ser, los principios según los cuales subsisten, se transforman y desaparecen. Un apriori, no de verdades que podrían no ser jamás dichas, ni realmente dadas a la experiencia, sino de una historia que está dada, ya que es la de las cosas efectivamente dichas. La razón de utilizar este término un poco bárbaro, es que este apriori debe dar cuenta de los enunciados en su dispersión, en todas las grietas abiertas por su no coherencia, en su encaballamiento y su remplazamiento recíproco, en su simultaneidad que no es unificable y en su sucesión que no es deductible; en suma, ha de dar cuenta del hecho de que el discurso no tiene únicamente un sentido o una verdad, sino una historia, y una historia específica que no lo lleva a depender de las leyes de un devenir ajeno.

A funcionalidade da noção de discurso, na perspectiva arqueológica, é a de fazer ver que língua, sujeito, história e sentido estão envolvidos no interior de relações sociais em que saberes e poderes não se dissociam. Usa-se a noção para compreender como se estabelecem historicamente os regimes de verdade em uma dada sociedade, como os sentidos são disputados e se arvoram em verdades, e não para erigir verdades escondidas, nem para defender a verdade de sentidos mal postos ou para protegê-la de um poder externo e total. Trata-se – não só, mas inexoravelmente – de lidar com o discurso para estabelecer uma história dos jogos estratégicos do poder/saber.

Ao discutir as relações entre as teorias do discurso e do texto, Sírio Possenti (2010) indica que o termo discurso é muito utilizado

[...] em trabalhos de linguística textual e até mesmo nos de sociolinguística ou de análise da conversação em acepções que não se aproximam das que são consideradas relevantes pelos analistas de discurso (por mais que haja diferenças entre as diversas teorias que adotam ou adotaram esta denominação). Este fato parece ser sintoma de um certo prestígio (a requerer explicação mais detalhada) do termo “discurso” e dos sentidos que lhe são associados, e que a palavra “texto” não evoca. Uma hipótese é que o termo “discurso” implica ou supõe um desejo de afastar-se do que soa como apenas “linguístico” e de aproximar-se do que soa como “social” ou “cultural” ou “psicológico”. Ou mesmo “ideológico”. (POSSENTI, 2010, p. 27).

A indicação de Sírio Possenti (2010) serve para um último comentário: Retirar um termo específico de sua área para utilizá-lo amplamente requer cuidado e atenção para que o movimento não pareça ser gratuito. Ou mesmo perfunctório.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill e BILGE Sirma **Interseccionalidade** Tradução Rave Souza, epub. Ed Boi Tempo.2020

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. 1 ed. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo/SP: Editora 34, 2016.

MACHADO, Anna Rachel et al. **Resenha**. 6 ed. São Paulo/SP: Parábola Editorial, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro/RJ: Forense Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. **La arqueología del saber**. 15 ed. Traducción de Aurelio Garzón del Camino. Ciudad del México: Siglo XXI Editores, 1991.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Tradução de Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte/MG: Ed. UFMG, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo/SP: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. 3 ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Teorias de texto e discurso: inconciliáveis?** Gragoatá. Niterói/RJ, n. 29, p. 23-34, 2º Semestre de 2010.

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?** Belo Horizonte/MG: Letramento; Justificando, 2017. (Coleção: Feminismos Plurais)

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo/SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção: Feminismos Plurais)

Resenha recebida em: 09 ago. 2021. | Resenha aprovada em: 16 nov. 2021.